

**Contos e
Novelas
Portuguesas
do SÉC.XIX**

Biblioteca Online do Conto

Contos e Novelas Portuguesas do Século XIX

2014, Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, IP

Orientação: Luísa Costa Gomes

Digitalização e Correção: Inês Fonseca Santos

Revista Ficções / Instituto Camões / Instituto do Livro

Gonçalo M. Tavares

TENTAR NÃO MORRER

Dois corpos estranhos cruzaram-se: corpos não humanos, mas matéria que existe porque o homem a fez: o metal da faca entrou na manteiga, ainda compacta, com certa facilidade, e aí ficou; como que numa prateleira: o cabo para cima. Só o sangue era estranho.

Ela gostava de tudo aquilo: da mesa da cozinha, dos pequenos bancos de madeira, das árvores que conseguia ver da janela, de uma certa pureza do ar que a obrigava a renunciar aos prazeres de adulto: aquele tempo tinha uma marca infantil. Crescera naquela casa.

Mas agora acabou: estava já crescida. Como uma investigação que termina, ela sentia que chegara ao fim. Já não cresço, murmura.

Não havia necessidade de não ser sincera: estava sozinha, podia dizer a verdade.

No corredor, um espelho. Ela parou. Era o mesmo espelho onde se via com seis anos. Mas agora a sua cabeça já não entrava na imagem. O espelho era pequeno. Ela tinha aumentado de tamanho, o espelho não. Espelho estúpido!

A princípio teve vontade de rir, mas a seguir assustou-se. Frente ao espelho via apenas as suas pernas e o início do tronco. A cabeça estava lá em cima, mas não sabia nada. Onde estava a sua cabeça?

Sentiu repulsa por aquele espelho que não lhe dava a cabeça, que não retribuía o seu rosto, que não a olhava. Estou a olhar para mim e não me vejo, pensou. Um espelho envergonhado - pensou ainda – não consegue levantar os olhos. Que fiz eu? Tens vergonha? Estive muitos anos sem vir cá.

Irritou-se, tirou um sapato e aproximou-se do espelho. Parou. Voltou a pôr o sapato no chão e calçou-se.

Encostou-se à imagem da sua barriga: barriga contra barriga - pensava - como dois apaixonados. Depois ajoelhou-se. Estava a alguns centímetros do espelho, ajoelhada. Finalmente: um rosto.

Virou ligeiramente a cara para se ver de perfil, depois virou-se para o outro lado. A orelha direita sangrava. Voltou a virar a cabeça. Neste lado não havia sangue. O rosto intacto.

Vou mostrar só este lado, pensou.

Começou a rezar. Parou. Olhou para a sua cara no espelho e sorriu. A cara retribuiu o sorriso. Recomeçou a rezar, mas virada para o espelho. Rezava a olhar para os próprios olhos.

Parou.

Mentirosa, estás a mentir!

Tentou rezar de novo, agora sem olhar para o espelho. Impossível. A sua imagem estava mesmo ali, a centímetros. Ela não era assim tão forte.

Concentrou-se de novo, mas assumindo o olhar dirigido ao espelho. Começou a rezar. Via-se a rezar. Parou de novo. Não estava concentrada, não pensava nas palavras. Não estava a rezar: olhava para si própria, vigiava-se.

Quase mordeu os lábios, concentrou-se. Tentou despejar tudo. Para fora, para o poço, para o poço!, repetia. E depois fez aquilo, virou-se. Via o lado da cara, aquele lado da orelha. E o sangue.

Manteve-se nessa posição.

De novo: rezava. Com os olhos virados para o espelho, a ver a própria orelha que sangrava. Mas agora rezava mesmo. Olhava em frente, o espelho retribuía o seu rosto, mas ela nada via. Só escutava as palavras. Uma oração, finalmente!

In *Magazine Artes*, Janeiro, 2005